



Monumento da arte cênica brasileira



Marília Pêra nasceu em 1943 numa **família artística**, com pai e mãe atores. Nesta quinta-feira (22) **competaria 83 anos**. Uma das **maiores atrizes** brasileiras de **todos os tempos**, esta multiartista tem a **memória reverenciada** em artigo de nosso **crítico teatral Cláudio Handrey**. Págs 2 e 3

Divulgação



Uma carga dramática inigualável

Marília Pêra brilhou nos palcos como atriz e diretora e presenteou o Brasil com atuações inesquecíveis no cinema, na teledramaturgia e foi enredo de carnaval

CLÁUDIO HANDREY Especial para o Correio da Manhã

Multiartista! Além do seu notável talento cênico, Marília Pêra era bailarina, cantora e diretora teatral. Aclamada pela crítica e pelo público por sua versatilidade. Extremamente disciplinada, argumentava que tudo poderia parecer fácil, mas esmerava-se em estudar exaustivamente para chegar naquele ponto satisfatório, pelo qual todos ficavam extasiados. Nasceu para abrilhar na cena teatral, televisiva, cinematográfica. E abusou desse direito.

Adentrou os palcos aos 4 anos, integrando o elenco da companhia Henriette Morineau e não parou mais. Foi aprimorando sua aptidão até tornar-se um monstro sagrado do teatro nacional. Nos anos 1960 fez “My Fair Lady” ao lado de Bibi Ferreira, “Como Vencer na Vida sem Fazer Força”. Foi agredida pelo Comando de Caça aos Comunistas em 1968, durante a ditadura militar em São Paulo no espetáculo “Roda Viva”, de Chico Buarque. Nada capaz de calar sua expressão artística.

Divulgação TV Globo



Com Milton Gonçalves em adaptação televisiva de 'A Moreninha'

“Gosto mais da vida cênica do que a vida real, parece que sou mais verdadeira quando estou vivendo uma personagem” **MARÍLIA PÊRA**



Com Francisco Cuoco, a atriz viveu cenas memoráveis em 'O Cafona'



Marília Pêra no espetáculo 'Apareceu a Margarida'



Com direção de marília Pêra, 'O Mistério de Irma Vap', com Marco Nanini e Ney Latorraca, ficou em cartaz por 11 anos



Marília Pêra com o Troféu Oscarito concedido pelo 43º Festival de Gramado



Com Marco Nanini na novela 'Brega e Chique'



Com Fernanda Montenegro em 'Central do Brasil'



Em 'Pixote, a Lei do Mais Fraco'



Em cena com Miguel Falabella em 'Alô, Dolly'



Marília Pêra e Paulo José em 'O Rei da Noite'



Marília foi enredo da Mocidade Alegre, de SP, no carnaval 2015

ções de tons, ritmo, climas, pelos quais Marília encantava a todos. E desde então absorvi como a tristeza, o drama mistura-se à comédia.

Dirigiu em 1986 um dos maiores sucessos do nosso teatro, "O Mistério de Irma Vap", com Marco Nanini e Ney Latorraca, permanecendo 11 anos em cartaz. Viveu mulheres antológicas em musicais de sucesso. Em 1997 brilhou em "Master Class", conquistando os Prêmios Shell, Mambembe e Apetesp de Melhor Atriz. Assisti nove sessões. Fez Nelson Rodrigues em "Toda Nudez Será Castigada" em 1998, e em 2004 notabilizou-se ainda mais em "Mademoiselle Chanel", outro Prêmio Shell de Melhor Atriz. Evidenciou-se em "Gloriosa" em 2009. Com Miguel Falabella destacou-se no musical "Alô, Dolly", em 2013.

No cinema resplandeceu em obras como: "Pixote, a Lei do Mais Fraco", recebendo os Prêmios como Melhor Atriz da Sociedade de Críticos de Cinema de Boston, da Associação de Críticos de Los Angeles, além dos filmes "Bar Esperança", "Dias Melhores Virão", "Tieta do Agreste", "Central do Brasil", e na sua afinada parceria com Falabella, viveu irmãs gêmeas em "Polaróides Urbanas". Iluminou a TV com seu talento em "O Cafona", "Quem Ama Não Mata", "Brega e Chique", em "Primo Basílio" personificou uma Juliana carregada de dramaticidade. Estivemos na novela "O Campeão", em 1996 na TV Bandeirantes, vivendo Elizabeth, que foi sequestrada por um sujeito doentio, felizmente interpretado por mim. Foi um desses presentes que a vida nos dá e logo ficamos próximos, passando boa parte da trama no mesmo cenário.

Ávido por conhecê-la melhor e ouvir seus relatos da profissão, colocava-me por perto, até que me revelou: "Gosto mais da vida cênica do que a vida real, parece que sou mais verdadeira quando estou vivendo uma personagem." E ainda fez "O Maias", "Cobras e Lagartos", e de volta ao amigo Falabella participou de "A Vida Alheia", "Aquele Beijo" e "Pé na Cova", na qual arriscou-se numa inocência poética, melancólica, em filigranas que transcendeu a tela.

Numa genialidade ímpar, habitava em suas vísceras uma carga dramática inigualável, que trafegava por esferas diferenciadas demonstrando uma magnitude em situações tenebrosas, trágicas e, de forma brusca, sem transição, conduzia-nos à leveza, ao humor, ao patético. E por muitas vezes tudo isso concomitantemente. Uma atriz dessa grandiosidade não fenece jamais, só passa a estrelar outra constelação. A cena brasileira agradece a sua expertise, Marília!

Multipremiada! Em 1969 recebeu o Prêmio Molière, além do Prêmio da Associação Paulista de Críticos Teatrais de Melhor Atriz pelo desempenho em "Fala Baixo Senão Eu Grito". Recebeu novamente o Molière, além do Prêmio Governador do Estado pelo elo-

giadíssimo monólogo "Apareceu a Margarida". Em 1975 cantou Carmem Miranda no prestigiado palco do Lincoln Center, no coração de Nova Iorque. Em 1979 atuou ao lado de Paulo Autran em "Pato com Laranja", um fenômeno de público e crítica.

Em parceria inquestionável com Marco Nanini, em 1981, arrematou outro Molière de Melhor Atriz pela comédia "Doce Deleite". Ganhou o Prêmio Mambembe de Melhor Atriz em 1983 por "Adorável Júlia".

Multipreciada! Em 84 foi

aclamada pela crítica no solo "Brincando Em Cima Daquilo", em que abiscoitou novo Prêmio Molière de Melhor Atriz. Presenci. Revi duas vezes mais e tive a certeza de estar diante de um dos maiores acontecimentos do teatro nacional, a julgar pelas varia-

ENTREVISTA | KARIM AÏNOUZ

CINEASTA



Maria Lobo/Divulgação

‘Meu empenho é falar com o nosso tempo’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Lá se vão 20 anos desde que o cearense Karim Aïnouz extraiu de Hermila Guedes a atuação de uma vida... coroada com o troféu Redentor do Festival do Rio de 2006... em “O Céu de Suely”. Dois anos antes, ele tinha feito coisa parecida com Lázaro Ramos em “Madame Satã” (2002). Extraiu diabos de Alessandra Negrini em “Abismo Prateado”, que estreou na Quinzena de Cannes, há 15 anos, assegurando à atriz uma consagração em solo europeu. Lá mesmo na Croisette, fez Carol Duarte e Fernanda Montenegro dividirem a mesma personagem em “A Vida Invisível” (2019) e, amparado numa atuação seminal das duas, trouxe para o Brasil o Prix Un Certain Regard. Em meados de fevereiro, é a vez de outro dos mais importantes festivais de cinema do mundo, a Berlinale, na Alemanha, conferir o diretor tira de um elenco estrangeiro colossal, em “Rosebush Pruning”, com Pamela Anderson e Tracy Letts, hoje um dos maiores dramaturgos dos EUA em atividade. Os dois estarão em cena ao lado de Callum Turner, Riley Keough, Jamie Bell e Elle Fanning.

Recém-chegado aos 60 anos, Karim lança “Rosebush Pruning” na competição pelo Urso de Ouro de 2026, na 76ª edição do festival anual de Berlim, cidade que adotou como lar. Ele disputou o mesmo troféu em 2014, com “Praia do Futuro”, dirigindo Wagner Moura e Jesuíta Barbosa. Voltou lá em sessões paralelas, com seus documentários “Nardjes A. (2020)” e “Aeroporto Central” (2018), que lhe rendeu a láurea da Anistia Internacional. Depois, em 2022, voltou lá como jurado, num júri presidido por M. Night Shyamalan.

Agora, Karim trabalha com um enredo que dialoga frontalmente com o cult de 1965 “De Punhos Cerrados”, do italiano Marco Bellocchio, só que revisitado pelo roteirista Efthimis Filippou (de “O Lagosta”). A trama de seu “Rosebush Pruning” é ambientada numa mansão na Catalunha, de olhos atentos para uma família americana privilegiada e excêntrica, envolta em conflitos absurdos. Os irmãos Jack, Ed, Anna e Robert vivem isolados do mundo, usufruindo da fortuna que herdaram. Enquanto isso ignoram as demandas do pai cego (papel de Letts) e buscam amor e acolhimento uns nos outros, vivendo às voltas com as mais recentes roupas de grife. Quando Jack, o irmão mais velho e eixo central da família, anuncia que vai abandonar o pai e os irmãos para morar com a namorada Martha, os laços de sangue implodem. Ed começa a descobrir a verdade por trás da misteriosa morte da mãe. Mentiras começam a vir à tona, a família passa a se desintegrar brutalmente e os irmãos entram uma espiral de violência.

Na conversa a seguir, Karim explica ao Correio da Manhã, via Zoom, o que a Berlinale aguarda.

“O reconhecimento do Brasil é bonito e merecido. Estamos colhendo os frutos de muitos anos de trabalhos. É um momento muito emocionante”

“Nunca havia feito uma sátira. Agora consegui, e com um humor refinado. Foi o primeiro filme que eu fiz em que precisei cortar cenas porque ficava rindo no set”

Como foi encarar esse time de estrelas de “Rosebush Pruning”?

Karim Aïnouz - O processo, na prática, é o mesmo: é ator e diretor. O que muda é a língua. No caso desse filme, era importante ter um elenco que chamasse o público. O diferencial mesmo foi eu ter tido um tempo de ensaio com o elenco, o que permite uma relação mais íntima. O que temos é quase uma peça de teatro.

Existe uma alma cearense nessa produção que, embora não seja brasileira, leva o DNA do seu país, representado por você, à Alemanha, assim como “Josephine”, de Beth de Araújo, também indicado ao Urso de Ouro. Como você avalia essa escalação neste momento em que o Brasil vem conquistando uma série

de prêmios no exterior, sonhando em ser citado pela Academia de Hollywood nesta quinta, quando saem as indicações ao Oscar, com chances para “O Agente Secreto”?

O reconhecimento do Brasil é bonito e merecido. Estamos colhendo os frutos de muitos anos de trabalhos. É um momento muito emocionante. Espero que essa alegria se estenda não só a presença de dois filmes com cineastas brasileiros na competição da Berlinale, mas a todos os muitos outros títulos (12 ao todo) que representam o Brasil lá, incluindo dois filmes do Ceará (“Feito Pipa”, dirigido por Allan Deberton, e “Fiz um Foguete Imaginando que Você Vinha”, de Janaína Marques). É emocionante que tenhamos esse espaço.

No teu histórico de Brasil e em incursões no exterior, você rodou narrativas documentais e melodramas, que, de certa forma, parecem universos paralelos. O que há de documental em “Rosebush Pruning” e o que há de melodramático?

Ele forma uma espécie de trilogia com “O Jogo da Rainha” (“Firebrand”), que filmei com Jude Law e Alicia Vikander, e com “Motel Destino”, pois os três falam de homens tóxicos, como se fosse uma autópsia desse lado da identidade masculina. É um rei, um dono de motel e um pai. Três figuras perigosas. Mas eu nunca havia feito uma sátira. Agora consegui, e com um humor refinado. Foi o primeiro filme que eu fiz em que precisei cortar cenas porque ficava rindo no set. São figuras de carne e osso, mas engraçadas.

O “De Punhos Cerrados”, de Marco Bellocchio, entra como nessa equação?

É uma das inspirações para o roteiro que o Efthimis Filippou escreveu. O filme do Bellocchio foi, sim, um ponto de partir para nós, mas tivemos outras inspirações. Fomos inspirados também por Pasolini e seu “Teorema” e por “Killer Joe”, uma peça do Letts, que eu vi numa versão para o cinema dirigida por William Friedkin, faz tempo. Meu empenho é falar com o nosso tempo, sob a premissa de um personagem central tóxico. É uma forma de causar riso num paralelo com o que vivemos.

E quando você filma no Brasil de novo?

Certamente em 2027, no próximo ano.

Filmes premiados e longas em exposição no exterior integram a seleção mais popular da mostra mineira, que abre suas atividades nesta sexta-feira



Premiado no Festival do Rio, 'Pequenas Criaturas' está escalado para a Mostra de Tiradentes e para o Göteborg Film Festival, na Suécia

A praça - de Tiradentes - é nossa



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Delicada cartografia de desamparos na Brasília dos tempos da redemocratização, “Pequenas Criaturas”, de Anne Pinheiro Guimarães, candidatou-se à celebridade no imaginário cinéfilo depois de vencer o troféu Redentor de Melhor Filme de Ficção, do Festival do Rio 2025. Há um trilho internacional de destaque já desenhado para o futuro do longa-metragem, com uma sessão agendada para o próximo dia 29, na Suécia, no Göteborg Film Festival. Antes, neste domingo (25), a produção ganha outra vitrine interna de peso: a Mostra de Tiradentes, em Minas Gerais. A 29ª edição dessa micareta de imagens autorais começa nesta sexta.

Anne criou um painel de afetos no DF de 1986, a partir da luta de Helena (Carolina Dieckmann) para manter seus filhos unidos num contexto de solidão atroz. Sua delicadeza vai ser degustada pela plateia da maratona mineira, que inaugura o circuito nacional de festivais, e em seu espaço mais ecumênico: a praça daquela cida-



‘Dolores’, de Maria Clara Escobar e Marcelo Gomes, encantou San Sebastián com as peripécias da vendedora de roupas íntimas que chega aos 65 anos assolada pelo vício em jogo



Domingo tem ‘Querido Mundo’, de Miguel Falabella e Hsu Chien Hsin

de histórica.

Sábado, às 21h, o universo de Miguel Falabella se espalha pelas Gerais com “Querido Mundo”,

que é codirigido por Hsu Chien Hsin. Malu Galli ganhou o Kikito de Melhor Atriz em Gramado por esta fábula em P&B que registra a maturidade plena de seu fotógrafo, Gustavo Hadba, na arquitetura de luz. O mesmo vale para a artesanania de Plínio Profeta com a música. Falabella partiu de uma peça de sua autoria para retomar a estética do desassossego de seu subestimado “Veneza” (2019) e retratar um amor que – como todo bom e definitivo benquerer – nasce por acaso. No acaso, uma aspirante a arqueóloga (Malu) e um engenheiro fracassado (Eduardo Moscovis) passam a noite do Ano Novo nos escombros do que deveria ser um condomínio de conforto na Zona Sul do Rio. O Cupido vai estourar rojões na noite de Minas.

No domingo, antes de “Peque-

nas Criaturas”, Tiradentes acolhe a prata da casa: “O Último Episódio”, de Maurílio Martins, uma deliciosa Sessão da Tarde com a grife da produtora Filmes de Plástico. Na trama, Erik, um garoto de 13 anos (vivido por Matheus Sampaio), tem uma paixão platônica por Sheila (Lara Silva) e, para se aproximar dela, diz ter em casa uma fita com o lendário (mas jamais comprovado) “último episódio” do desenho “Caverna do Dragão”. Com a ajuda de seus amigos, busca uma saída para a enrascada em que se meteu, vivendo uma intensa história de amadurecimento.

No dia 29, a praça de Tiradentes vê “Herança de Narcisa”, de Clarissa Appelt e Daniel Dias. No enredo, Ana vive assombrada por memórias da recentemente falecida mãe, a grande vedete Narcisa. Ela quer vender a casa onde passou sua infância e dividir o dinheiro com seu irmão mais novo, Diego. Mas quando o espírito de sua mãe começa a dar sinais de presença na casa, fica claro que Narcisa ainda tem domínio sobre a filha, mesmo depois da morte.

No dia 30, a Mostra exhibe “Dolores”, de Maria Clara Escobar e Marcelo Gomes. Seu berço foi o Festival de San Sebastián, na Espanha, em setembro. A cidade basca riu, ficou tensa e chorou com as peripécias da vendedora de roupas íntimas Dolores (Ribas), que chega aos 65 anos assolada pelo vício em jogo. Não por acaso, seu projeto para o futuro é abrir um cassino, apoiada em um sonho premonitório de êxito. As visões que tem não a livraram de perder muita coisa, entre elas o apreço de sua única filha, a também comerciante de lingerie Deborah (Naruna Costa, um vulcão na tela). Ela suspeita de que seu pai morreu de desgosto com a dependência de Dolores, sua companheira, em apostas. Deborah também é mãe. Sua filha, Duda (Ariane Aparecida) é mais compreensiva com a avó. Trabalha numa loja de armas, atira bem à beça e sonha em se mudar para os EUA, a fim de poder aproveitar a vida com mais conforto. A fotografia de Joana Luz e a atuação estonteante de Roney Vilella como Bigode (o quase namorado de Dolores) são trunfos a mais do longa.

No encerramento da Mostra, dia 31, às 21h, a Mostra se deixa embalar pelos acordes do documentário musical brasileiro com “Ladeiras da Memória – Paisagens do Clube da Esquina”, de Raabe Andrade e Daniel Caetano. Paralelamente, rola a premiação de Tiradentes, que envolve a seção Aurora. Compõe a competição a seguinte seleção competitiva: “Vulgo Jenny” (Viviane Goulart, GO); “Sabes de Mim, Agora Esqueça” (Denise Vieira, DF); “Politiktrok” (Álvaro Andrade, BA); “A Voz da Virgem” (Pedro Almeida, RJ); “Para os Guardados” (desali e Rafael Rocha, MG) e “Obeso Mórbi-do” (Diego Bauer, AM).

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES



Mestre Ciça comanda a bateria da Viradouro em enredo que o homenageia

Moacyr, o carioca rei

O CARNAVAL É ESSE MOMENTO em que a cidade sonha acordada. A ordem cochila, a pressa desacelera, e o Rio - essa invenção improvável entre o morro e o asfalto - lembra quem ele é. Em 2026, o sonho tem nome civil e nome encantado: Moacyr da Silva Pinto, o Mestre Ciça. Um homem comum coroado pelo extraordinário.

CIÇA REGE O TEMPO. SEMPRE REGEU. Aprendeu cedo que o samba não é barulho, é a organização do caos. Em 2026, viverá um milagre raro: será, ao mesmo tempo, o maestro e o tema, o trabalhador e o verso, o corpo suado e o mito cantado. Diretor de bateria da Unidos do Viradouro, ele conduzirá o desfile que conta a sua própria história. Vai determinar o ritmo do samba que o nomeia. Um rei em ofício.

A ANTROPOLOGIA EXPLICA: o carnaval é o grande ritual de inversão. Durante alguns dias, a cidade suspende suas hierarquias rígidas e permite que o povo experimente o poder simbólico. O gari vira príncipe, a passista vira rainha, o batuqueiro vira maestro. Ciça é a confirmação dessa regra ancestral. Um homem comum elevado ao trono sem precisar abandonar a própria humanidade.

REIS SURGEM DO CHÃO, NÃO DO PALÁCIO. Coroas nascem do povo, não do ouro. Vindo do Morro de São Carlos - como quase todos os morros do Rio, território historicamente esquecido pelo poder público - Moacyr carrega no corpo a geografia da desigualdade brasileira. Mas o Carnaval opera sua alquimia particular: não apaga a origem, transforma-a em força. Não disfarça a favela; a consagra. O que era margem vira centro. O que era silêncio vira ritmo.

O CARNAVAL NÃO APAGA A DESIGUALDADE; ele a desafia. Por alguns dias, a cidade aceita que o centro se desloque, que a margem governe o ritmo. Ciça é a prova viva dessa alquimia. Não virou rei apesar de sua origem, mas por causa dela. O morro não o limita - o consagra.

SEU TRONO NÃO É FIXO. DESFILA. Seu cetro não reluz. Apita. Sua autoridade não grita. Silencia - e o silêncio obedece. Há mestres que comandam pelo volume; Ciça governa pelo ouvido.

CADA GESTO SEU ORGANIZA dezenas de batidas e milhares de passos. É poder que não oprime: orienta.

FALA-SE MUITO EM CELEBRIDADE, PALAVRA GASTA, vazia, plastificada. Aqui ela recupera densidade. Ciça é celebridade porque sua presença altera o ambiente. Porque sua história importa para a cidade. Porque sua arte cria comunidade. Celebridade do samba, das escolas, do carnaval. Celebridade do Rio que a gente aprendeu a amar - o Rio da rua, da sociabilidade improvisada, do encontro nas esquinas, velas e morros.

ENQUANTO MUITOS SÓ SÃO CELEBRADOS depois do silêncio final - como aconteceu com o genial Mestre Laila -, Ciça vive a rara experiência de ser coroado em movimento. Homem e símbolo dividindo o mesmo compasso. Carne e mito respirando juntos.

QUANDO A VIRADOURO ENTRAR NA AVENIDA, não será apenas um desfile. Será um rito antigo como a cidade. O povo reconhecendo um dos seus. O carnaval cumprindo sua promessa mais bonita: transformar Moacyr, o carioca, em rei - sem que ele precise deixar de ser gente. E de ser um da gente.



Rodrigo Sha aposta num formato mais intimista no álbum 'Essência (Acoustic Live)'

Raízes reinventadas

Projeto de Rodrigo Sha que une Brasil e Dinamarca aposta no despojamento sonoro em nome da essência da composição

AFFONSO NUNES

O projeto musical Copenema, que desde sua origem estabelece uma ponte criativa entre Brasil e Dinamarca, chega a uma nova fase trazendo a proposta de despojamento radical. O álbum "Essência (Acoustic Live)" marca também uma redefinição de identidade: agora o empreendimento se apresenta como Sha & Copenema, reforçando o protagonismo do compositor e instrumentista Rodrigo Sha desta construção sonora que transita entre mercados brasileiros e europeus que já conquistou espaço em pistas de dança europeias e nas programações de rádios londrinas, incluindo a BBC One.

A ideia do registro acústico surgiu após o lançamento de "Hoje", álbum de 2025 que consolidou a presença de Sha no catálogo da gravadora dinamarquesa Music For Dreams. A sugestão do próprio artista à gravadora foi gravar um trabalho audiovisual ao vivo que pudesse aproximar o público do núcleo criativo de suas composições, afastando-se das camadas de produção eletrônica que caracterizaram projetos anteriores. O resultado são dez faixas gravadas no 39D Estúdio, no Rio, num formato íntimo de voz



“A intenção é trazer o público para perto da veracidade das composições. Tem um lado muito puro e instintivo em todo esse processo, e aí quem a gente acessa o coração das pessoas”

RODRIGO SHA

e violão, sob direção de produção e arranjos do próprio Sha, com gravação, mixagem e masterização assinadas por Juan Viana.

Entre as canções que integram o álbum estão “Tê faz bem” e “Muito prazer”, singles que já haviam conquistado visibilidade antes mesmo do registro completo. “Tê Faz Bem”, segundo Sha, abriu as portas para o primeiro álbum. “Esse single tocou em muitas pistas na Europa, nas rádios de Londres e também na BBC One além de ter um videoclipe gravado no Rio”. Já “Muito prazer”, que abre o disco “Hoje”, é descrita pelo artista como um convite às pessoas e fala um pouco da história do Copenema. “Fala da construção do projeto, unindo Brasil e Dinamarca, fala da alma do artista valente, que persiste. Essa música tem uma alegria e irreverência, e é um convite às pessoas curtirem o Copenema”, acredita.

O diferencial deste novo trabalho está na radicalidade da captação: tudo foi registrado simultaneamente, sem sobregravações (overdubs), com três câmeras documentando a performance. A captação de vídeo ficou a cargo de Magno de Freitas Coelho, com edição de Nisdeyvison Vinicius do Nascimento Benedito.

“A intenção é trazer o público para perto da veracidade das composições. Tem um lado muito puro e instintivo em todo esse processo, e aí quem a gente acessa o coração das pessoas. É um álbum gravado voz e violão, audiovisual, totalmente ao vivo, para aproximar do embrião das composições”, explica Rodrigo Sha, revelando a intenção de expor o processo criativo sem filtros ou artifícios de estúdio.

O tempo, o afeto e a canção na voz rara de João Fênix

Cantor e compositor pernambucano celebra sua trajetória com o show ‘Mapa de Tempo’ nesta quinta no Blue Note Rio

AFFONSO NUNES

O pernambucano João Fênix sobe ao palco do Blue Note Rio nesta quinta (22), às 20h, de janeiro, para apresentar “Mapa de Tempo”, um show que funciona como cartografia afetiva de sua relação visceral com a canção popular brasileira. Com mais de 20 anos de carreira e oito álbuns lançados, o cantor e compositor construiu uma trajetória mar-

cada tanto por sua consistência autoral quanto por suas interpretações. Sua voz de contratenor de caráter andrógino se tornou uma assinatura sonora. O timbre raro, que já foi comparado ao de Ney Matogrosso – com quem já teve o privilégio de gravar –, coloca Fênix em uma linhagem especialíssima de intérpretes brasileiros que desafiam convenções vocais. Embora tenha cursado canto lírico no Conservatório Pernambucano de Música, no Recife, João Fênix se encontrou artisticamente no seio da canção da



Com seu timbre raro de contratenor, João Fênix integra uma seleta categoria de cantores ao lado de nomes como Ney Matogrosso, com quem costuma ser comparado

canção popular. O repertório do espetáculo atravessa diferentes momentos dessa relação, costura-

do pela artesanania que caracteriza seu trabalho. Um dos destaques do setlist é “Pequeno Mapa do Tempo”, pérola do cancionero de Belchior, lançado como single e gravado em dueto com a cantora potiguar Juliana Linhares e participação do músico e maestro Jaques Morelenbaum. “Eu já queria gravar

essa canção há muito tempo, desde o início deste projeto. A ideia é que a compilação final, que vai reunir todos estes duetos em um álbum digital, venha a se chamar ‘Pequeno Mapa do Tempo’”, conta. Ao longo de sua festejada discografia, que começou em 2001 com “A Foto Onde Quero Estar” e inclui títulos como “Minha Boca Não Tem Nome” (2018) - trabalho que o projetou nacionalmente - e “Gotas de Sangue” (2021) - só com canções de Angela RoRo -, Fênix se notabilizou tanto pelas composições próprias quanto pela escolha criteriosa de canções de outros autores. “Mapa de Tempo” é para o artista uma celebração do caminho percorrido até aqui, além de marcar a chegada de um novo ano que se anuncia promissor para o músico. A apresentação no Blue Note Rio representa a continuidade de um processo criativo que sempre privilegiou parcerias com músicos de excelência. Ao longo dos anos, trabalhou ao lado de nomes como Jaime Alem, Paulo Mutti, Guilherme Kastrup, Marcelo Costa e Luiz Otávio, colaboradores que ajudaram a moldar a sonoridade de seus discos. Além da destacada voz, fênix se destaca pela forte presença cênica, uma ferramenta a mais para cantor o amor, a reflexão ou a memória.

SERVIÇO

JOÃO FÊNIX - MAPA DE TEMPO

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 – Copacabana)

22/1, às 20h

Ingressos a partir de R\$ 70

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação

Tributo a Elton John

O músico luso-britânico Tom Cridland apresenta o show “Sir El Tom” no Qualistage nesta quinta (22), às 21h30. Reconhecido como um dos principais tributos a Elton John, o projeto surgiu em 2022 durante a recuperação de Cridland do alcoolismo. O artista aprendeu piano durante a pandemia e passou de apresentações em pubs a teatros e arenas. O repertório inclui as clássicas “Rocket Man”, “Your Song” e “Tiny Dancer”. Cridland também é compositor e produtor, tendo trabalhado com artistas como Shania Twain e Ronnie Wood.

Divulgação

Los Hermanos orquestral

A Nova Orquestra, primeira orquestra 100% pop do Brasil, criada em 2019, apresenta nesta quinta-feira (22), às 22h30, no palco do Blue Note Rio, um show especial em homenagem aos 25 anos do álbum “Bloco do Eu Sozinho”, dos Los Hermanos. O grupo executará todas as faixas do disco na ordem original, com arranjos inéditos que incluem violinos, viola, baixo elétrico, trompete e percussão, trazendo uma releitura orquestrada para os clássicos do mais famoso disco lançado pela banda carioca.

Divulgação

Canções do novo álbum

O violonista Zé Paulo Becker se apresenta nesta quinta-feira (22), às 20h, no Little Club, no Beco das Garrafas. O repertório inclui faixas do álbum “Choro y Salsa” e releituras de clássicos da MPB como “Feira de Mangaio”, de Sivuca, e “Berimbau”, de Baden Powell e Vinícius de Moraes. Becker estará acompanhado por Dudu Oliveira (sopros), Rodrigo Villa (baixo) e Bernardo Aguiar (percussão). O músico integrou por duas décadas a programação do extinto Bar Semente, reduto de música brasileira na Lapa.

Bob Wolfenson



As imagens revelam a Amazônia por dentro, suas comunidades e suas histórias: a floresta e sua gente se misturam e convivem em harmonia

Amazônia em todos os sentidos

Exposição de Bob Wolfenson no Museu do Amanhã combina fotografia, aromas e sons da floresta em experiência multissensorial

AFFONSO NUNES

Uma janela sensorial para a Amazônia. A exposição “Presenças na Amazônia: um diário visual de Bob Wolfenson”, instalada no lounge do Museu do Amanhã, é um passeio imersivo pela maior floresta tropical do mundo através de fotografias, aromas de terra molhada, cantos de pássaros e sons da mata. A mostra marca os 55 anos de carreira do fotógrafo paulistano, um dos mais celebrados do país.

Wolfenson construiu ao longo de mais de cinco décadas uma trajetória singular na fotografia brasileira, vom trabalhos premiados em moda, publicidade e arte com uma assinatura visual inconfundível. Seus retratos e ensaios fotográficos estão publicados em livros e cole-



Divulgação

“Estar diante de uma natureza tão poderosa e, ao mesmo tempo, encontrar pessoas que trabalham para que ela permaneça em pé trouxe um novo sentido ao meu olhar”

BOB WOLFENSON

ções de museus, consolidando-o como um dos principais nomes da fotografia autoral no Brasil. Agora, o profissional volta seu olhar para a Amazônia.

As fotografias reunidas na exposição nasceram durante as filmagens da websérie “Amazônia: Juntos Fazemos a Diferença”, conduzida por Wolfenson e pela cantora Gaby Amarantos em 2024. A produção audiovisual, viabilizada com recursos da Vale, serviu de gatilho para o fotógrafo registrar a paisagem, pessoas e suas histórias entrelaçadas com a floresta. “Foto-

grafar a Amazônia foi uma experiência profunda e transformadora. Estar diante de uma natureza tão poderosa e, ao mesmo tempo, encontrar pessoas que trabalham para que ela permaneça em pé trouxe um novo sentido ao meu olhar”, comenta o fotógrafo.

Organizadas em três eixos – A Floresta, Presenças e Luz Mágica –, as imagens revelam a Amazônia por dentro, suas comunidades e suas histórias, numa narrativa em que floresta e gente se misturam e convivem em harmonia. A exposição aposta em materiais rústicos

e naturais, com iluminação que muda ao longo do percurso para remeter ao ciclo do dia. A experiência ganha camadas sensoriais que transportam o visitante para dentro da floresta: um leve aroma de terra fresca depois da chuva e uma trilha sonora com registros originais da mata.

Esses sons são fruto de pesquisa do Instituto Tecnológico Vale, que reuniu mais de 16 mil minutos da vida na Floresta de Carajás, revelando curiosidades sobre a biodiversidade amazônica através das sonoridades que ela emite. Há ainda um espaço de pausa e contemplação com frases, trechos de falas e anotações de viagem do fotógrafo, formando uma instalação poética sobre seu processo criativo. A curadoria é de Cecilia Bedê.

A Vale está presente na Amazônia há quatro décadas, atuando em desenvolvimento sustentável, preservação e valorização da cultura amazônica, com iniciativas que fomentam a bioeconomia e protegem a floresta em pé. Fabio Scara-

no, curador do Museu do Amanhã, destaca a importância da mostra: “O Museu do Amanhã aposta na força da arte em comunicar o que a ciência hoje demonstra e, com isso, facilitar a reconexão do humano com o oceano”.

A exposição conta com programação educativa gratuita que inclui caminhada fotográfica com Bob Wolfenson na Praça Mauá (conferir datas no site do museu), oficinas de carimbos, aula de carimbó, pintura de brinquedos de miriti (conhecida como a “árvore da vida”, cuja fibra leve e flexível é usada para criar os famosos brinquedos artesanais) e experiências sensoriais como o tradicional banho de cheiro.

SERVIÇO

PRESENCAS NA AMAZÔNIA: UM DIÁRIO VISUAL DE BOB WOLFENSON

Lounge do Museu do Amanhã (Praça Mauá, 1, Zona Portuária) Até 10/2 Entrada franca

